

O SIGNO DE UM TEMPO

Isabela Fadda de Oliveira Silva / UEMG

Angélica Oliveira Adverse / UFMG

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como a moda está influenciando os artistas frente a pandemia de COVID-19. Examinaremos inicialmente a importância da moda no estudo da arte dando ênfase à sua influência no cotidiano do artista e, conseqüentemente, no seu processo de criação. Para compreender melhor a relação entre a arte e a moda durante uma crise sanitária, buscaremos na história da tuberculose como essa relação ocorreu. Posteriormente, através de uma pesquisa iconográfica de obras que têm a pandemia como temática, selecionaremos uma artista para analisar como a moda interferiu em sua criação. Nessas obras teremos como foco a máscara: um símbolo da moda para remeter à nossa contemporaneidade pandêmica.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Moda; COVID-19; Cotidiano; Máscara.

Introdução

Refletir sobre a relação entre a arte e a moda nos remete à análise da influência da arte no mercado da moda ao longo do tempo. Porém, essa relação não se restringe somente a isso. O fato é que essa aproximação é pouco analisada na teoria da arte, nos levando a até questionarmos se tal temática é pouco relevante. Porém essa pesquisa busca subverter tal pensamento através do pensar a moda na arte como uma oportunidade de deslocamento de fronteiras. Barthes defende que:

Pode-se esperar do vestuário – afirma – que ele constitua um excelente objeto poético. Primeiramente, porque ele mobiliza com muita variedade todas as qualidades da matéria, substância, forma, cor, taticidade, movimento, apresentação, luminosidade; e depois porque, em contato com o corpo e funcionando ao mesmo tempo

como seu substituto e sua cobertura, é ele, certamente, objeto de um investimento muito importante (BARTHES, 1981, p. 262)

O ato de vestir é questionado na arte por várias obras importantes, como o Parangolé de Oiticica e a performance de Flávio de Carvalho. O vestir pode ser pensado através de discussões sobre arte participativa, a constituição da nossa aparência através da “invenção de si”, entre outros. Sendo assim, esse trabalho tem refletir a moda como responsável por mudanças sociais significativas para os modos de vida.

Portanto, temos aqui uma percepção de que a relação entre a arte e a moda é importante porque pode influenciar tendências de comportamentos futuros. Cabe-nos refletir: como a moda e seu poder de definição da novidade influencia os artistas em seu ato de criação na nossa contemporaneidade? Analisaremos como essa relação (arte e moda) se dá em tempos de crise sanitária na história e na contemporaneidade.

A moda e o cotidiano do artista

Walter Benjamin percebe que antes da modernidade as críticas de arte eram baseadas em uma moral estética. Posteriormente, ela passa a se integrar à criação artística e o artista passa a ser visto como um pensador, um “artista filosofante”. Dessa forma, o artista não se desvincula da obra. Ele passa a fazer parte dela tornando-se impossível separá-los. Isso faz com que o cotidiano do artista e seu modo de vida exerçam influência direta no seu trabalho e conseqüentemente no trabalho do seu meio artístico. Conforme iremos compreender melhor adiante, a moda é responsável por transformar esse cotidiano e as vivências criativas do artista, nos permitindo entender a relação com sua contemporaneidade e seu processo criativo.

O termo da moda, se compreendido como um mecanismo de classificação, nos permite refletir sobre os processos do que é definido como “novo” (e belo) no campo da arte. Isso ocorre porque estamos lidando com tais *modos* de vida que em determinadas épocas regulavam a moral estética e os critérios de qualificação das obras. Portanto, o fenômeno da moda está associado às transformações da moral e dos costumes de um tempo e corrobora para a transformação da experiência temporal.

Para o filósofo, o aspecto mais importante da moda é a sua extraordinária capacidade de antecipação. É consenso que a arte, muitas vezes, geralmente por meio das imagens, antecipa em anos a realidade perceptível. Ruas ou salas puderam ser vistas em suas variadas cores brilhantes bem antes que a técnica, através de anúncios luminosos ou outros dispositivos, as colocasse sob uma luz desse tipo. Dessa forma, a sensibilidade individual de um artista em relação ao futuro ultrapassa em muito aquela da dama da sociedade.

E, entretanto, a moda está em contato muito mais constante, muito mais preciso, com as coisas vindouras graças ao faro incomparável que o coletivo feminino possui para o que nos reserva o futuro. Cada estação da moda traz em suas mais novas criações alguns sinais secretos das coisas vindouras. Quem os soubesse ler, saberia antecipadamente não só quais seriam as novas tendências da arte, mas também a respeito de novas legislações, guerras e revoluções. Aqui, sem dúvida, reside o maior encanto da moda, mas também a dificuldade de torná-lo frutífero. (BENJAMIN, 2006, p.102-3)

Muitas vezes a expressão “está na moda” é usada para remeter ao que é belo em determinado momento de um tempo, isso faz com que a palavra “moda” tenha como significado a qualidade essencial de ser contemporânea. Dessa forma o “belo” passa a ser associado à novidade, rompendo a ideia do “belo por si próprio”. Então, se a moda tem esse poder de percepção de uma experiência temporal através da “definição” do belo, Adverse questiona:

Não seria a moda a responsável por transformar a nossa percepção do aqui-agora (*Jetztzeit*) na arte? O seu “faro para o atual” pode paradoxalmente introduzir uma ruptura que bifurca a experiência do belo. O Belo passaria a ser designado pela relação temporal com o presente e com a expressão do que se pode atribuir como uma novidade. O novo se torna como a moda uma espécie de autoridade histórica que qualifica a experiência estética. (ADVERSE, 2016, p. 18)

Portanto, o prazer resultante da experiência estética é resultado de normas classificatórias das experiências dadas, a priori, pela moda. Isso nos faz refletir sobre a transformação do processo de criação e a percepção da arte através da moda e, conseqüentemente, a relação do artista com seu próprio tempo.

Dessa forma faremos análises da nossa contemporaneidade para compreendermos quais as tendências apresentadas pela moda irão refletir no processo criativo dos artistas e na experiência estética trazida por suas obras. Teremos como foco a transformação radical dos modos de vida como consequência da pandemia de COVID-19.

A Romantização da Morte

Se a moda representa uma dicotomia temporal entre o passado e o presente, resultando em mudanças cíclicas dos costumes, dos hábitos, das escolhas e gostos de um determinado período histórico, buscaremos em obras de arte do período vitoriano as mudanças da percepção do belo devido a uma crise sanitária.

A tuberculose, em meados do século XIX, fazia com que suas vítimas se tornassem cada vez mais pálidas e magras. Carolyn Day (2017) explica que, em decorrência disso, houve uma romantização da doença como ideal de beleza. Dessa forma muitas mulheres tentavam fazer com que sua aparência fosse similar à aparência das vítimas. Essa romantização da doença como ideal de beleza também trouxe uma cultura de romantização da morte. Temos como exemplo relatos e representações de mulheres jovens que morreram no auge da sua beleza. Na pintura “Beata Beatrix” o artista pinta sua esposa Elizabeth Siddal no momento de sua morte por tuberculose de maneira romântica, em que ela morre silenciosamente e belamente doente.

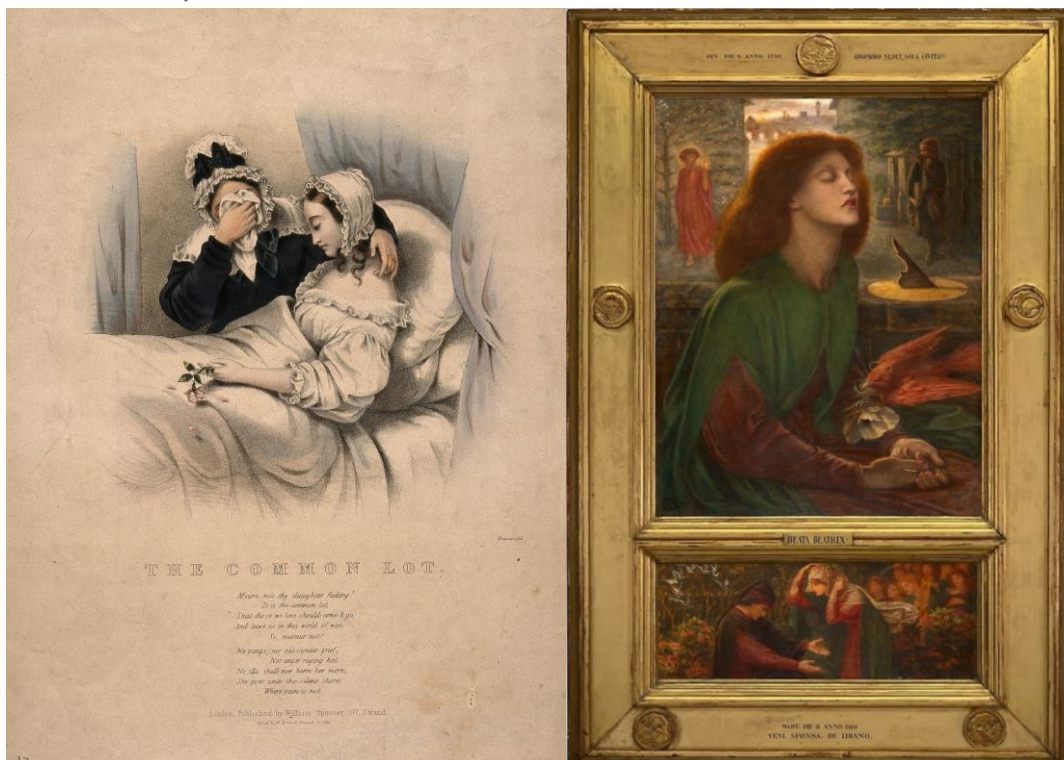


Figura 1. Augustus Jules Bouvier, The Common Lot, século XIX. Litografia Colorida.

Figura 2. Dante Gabriel Rossetti, Beata Beatrix, 1864–1870. Pintura a Óleo, 86.4 cm x 66 cm.

Essa romantização também tinha grande importância para artistas e intelectuais, fazendo com que influenciasse diretamente suas produções artísticas. Isso ocorria porque havia uma ideia de que a doença era causada por esforço mental, devido ao grande número de artistas e intelectuais que perderam a vida por tuberculose. Alexandre Dumas escreveu em 1852: “Era moda sofrer com os pulmões; todo mundo tinha a doença, principalmente poetas; era uma boa forma cuspir sangue depois de qualquer emoção sensacional e morrer antes de completar trinta anos.”



Figura 3. Joseph Severn, John Keats¹, 1819. Miniatura a óleo em marfim, 105x79 mm.

Máscara: o signo de um tempo

Levando em consideração que a moda (através de seu poder de transformação do cotidiano) influenciou os artistas na era vitoriana, buscamos compreender como isso ocorre na contemporaneidade. O foco é a transformação imagética do espaço devido ao uso de máscaras para a proteção ao novo coronavírus. Analisamos a máscara, objeto poético usado por artistas, como signo dessa transformação radical dos modos de vida. Ou seja, buscamos entender de que forma a arte se apropria de elementos da moda para pensar o momento que estamos vivendo.



Figura 4. Nina Zdanovic, Quarantine Diaries #1: Going Out, 2020. Pintura a óleo em Painel, 30x30cm.

Em uma pesquisa iconográfica de trabalhos artísticos que têm a pandemia como temática, vemos a máscara como elemento de destaque. Geralmente são imagens e representações do cotidiano que, ao se acrescentar uma máscara de proteção, se transformam em obras que refletem a crise sanitária. A máscara passa a ser um signo usado como um marco temporal na história, sendo essa semelhante e integrada à moda (pois, também pode ser pensada como uma marca do tempo).

Isso acontece porque o hábito de vestir a máscara é extremamente necessário para ajudar a conter a disseminação da doença. Ela provavelmente continuará fazendo parte do nosso dia a dia até que a pandemia seja vencida com a chegada de vacinas eficazes. Sendo assim, o uso dessa vestimenta de proteção passou a fazer parte da realidade de muitos, sendo seu uso obrigatório em muitas cidades, estados e até países. Assim, temos a máscara com tamanha força simbólica para retratar o cotidiano da pandemia.

O trabalho da artista Sabine Pigalle chama a atenção, pois, ela busca uma linguagem plástica de pinturas clássicas e insere elementos contemporâneos. Analisemos a série "My Corona Diary" que ilustra a máscara (ou a proteção da face) como signo do momento histórico que vivemos.



Figura 5. Sabine Pigalle, Dante Day: Inferno, 2020. Colagem.

Figura 6. Sabine Pigalle, Do it Yourself, 2020. Colagem.

Sendo a máscara uma vestimenta, a moda passa a ser responsável por esse elo entre o passado e o presente em seus trabalhos. Portanto, a moda nos permite trazer para a contemporaneidade um momento de um passado que parecia, até então, morto. Ou seja, a moda busca algo no passado e o transforma em novo através de retratações de um cotidiano atual.

Considerações Finais

Percebemos então, que a moda, assim como em outros períodos da história, tem forte influência sobre o artista. Essa influência novamente se dá pela particularidade da moda em ser, essencialmente, contemporânea. Percebemos também que essa contemporaneidade é resultado da sua aproximação com o cotidiano que pode ser definido como o “belo” na arte, definindo tendências futuras.

Portanto, considerando que é a intimidade com o cotidiano faz da moda semioticamente um marco temporal da atualidade, podemos questionar: Se a arte na era vitoriana buscou na moda a “romantização da morte”, como isso ocorre em nossa contemporaneidade?



Figura 7. Sabine Pigalle, Shopping Panoply, 2020. Colagem.



Figura 8. Autor Desconhecido, Soluções para tentar fugir do Coronavírus, 2020. Fotografia.

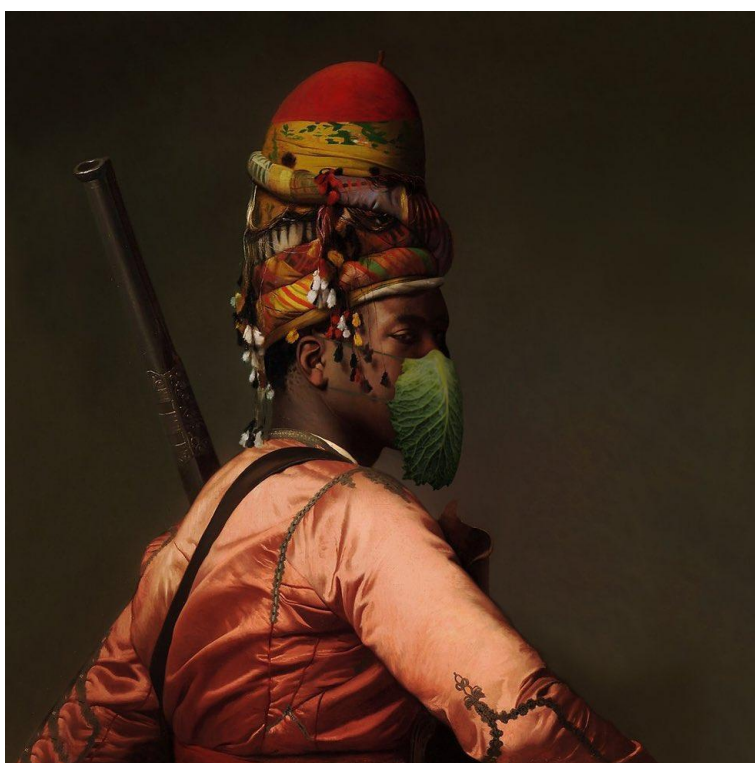


Figura 9. Sabine Pigalle, Green Touch, 2020. Colagem.



Figura 10. Autor Desconhecido, Haití en el precipicio mientras el coronavirus y el liderazgo impuesto por EEUU hacen estragos, 2020. Fotografia.

Tendo em vista o momento atual em que vivemos, como a moda permanece influenciando a arte? Será através de simbologias deixadas pelas máscaras de proteção? Será através desses símbolos que tornaremos possível o elo com o passado? Será que esses símbolos serão ressignificados para que possamos usá-los de forma emancipatória?

Notas

1 O poeta inglês John Keats morreu aos 26 anos e seu amigo Percy Shelley escreveu tributos a ele tentando explicar a tuberculose não como uma doença mas como uma morte por paixão. O ano final da vida de Keats foi visto como de grande importância para sua genialidade e isso foi visto como consequência da enfermidade.

Referências

ADVERSE, Angélica. **Devemos ser uma obra de arte ou vestir uma:** o dandismo como medium-de-reflexão na arte, 2016. Tese (Doutorado em Arte e Tecnologia da Imagem) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/2017/Teses-Premiadas/Artes-Angelica-Oliveira-Adverse.PDF>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BARTHES, Roland. **O Sistema da Moda**, Lisboa: Edições 70, 1981

BENJAMIN, Walter. **O conceito de Crítica de arte no romantismo alemão**. São Paulo: Iluminuras, 2011

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: ed. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006

DAY, Carolyn. **Consumptive Chic: A History of Beauty, Fashion, and Disease**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2017

DUMAS, Alexandre. **La Dame Aux Camélias**. Bruxelles: A. Lebègue, 1848.